

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
RAFAEL OLIVEIRA SIMÕES

PENTECOSTALISMO:
CONTEXTO HISTÓRICO, ORIGENS E DISSEMINAÇÃO DO MOVIMENTO
PENTECOSTAL NO BRASIL.

Vitória-ES

2021

RAFAEL OLIVEIRA SIMÕES

PENTECOSTALISMO:
CONTEXTO HISTÓRICO, ORIGENS E DISSEMINAÇÃO DO MOVIMENTO
PENTECOSTAL NO BRASIL.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Faculdade Unida de Vitória como requisito para
obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Dr. Wanderley Pereira da Rosa

Vitória-ES

2021

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar o surgimento do Movimento Pentecostal e seus desdobramentos desde a sua origem nos Estados Unidos até a sua chegada no Brasil, passando pela chegada de missionários de origem europeia e que tiveram contato com o Pentecostalismo durante estadias nos Estados Unidos. Visa, também, analisar a rápida disseminação da mensagem pentecostal pelo país até se tornar a maior parcela entre os evangélicos em solo brasileiro, analisando as diferenças entre as igrejas protestantes históricas e características próprias que propiciaram tamanha disseminação em território brasileiro.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Movimento Pentecostal; Brasil, Protestantismo Histórico.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar o contexto social relacionado ao nascimento do pentecostalismo nos Estados Unidos e entender as razões sociais e religiosas que possibilitaram tamanha expansão, no Brasil. A relevância desta pesquisa consiste no fato de entender a transformação social e as implicações que o crescimento pentecostal tende a promover na sociedade. Os pesquisadores do pentecostalismo têm estudado o crescimento vertiginoso das tradições pentecostais, principalmente na América Latina.

Dentre os muitos fatores aos quais os pesquisadores do movimento atribuem o seu rápido crescimento está uma experiência religiosa que dá vazão ao êxtase e um acesso sobrenatural com o sagrado. O êxtase não está ligado à uma fuga da realidade, mas a uma forma de enxergá-la através de um estado consciente da razão e dos sentimentos influenciados pela presença do divino. Apesar de não utilizar o termo êxtase em seu vocabulário, o fiel pentecostal encara-o como uma parte constituinte de seu culto e devoção e uma demonstração de adoração mais intensa. Sobre o êxtase Kenner Terra diz:

O êxtase religioso é considerado, para a tradição do pentecoste, mecanismo e fôlego para o encontro do “anúncio”, caracterizada pelo que é “maravilhoso”, e neste encontro com o Sagrado, ocorre celebração e espanto. O êxtase não é exclusivo do pentecostalismo moderno, ele está presente em diversas tradições religiosas ao longo da história, inclusive no profetismo e na apocalíptica judaica, especialmente nas viagens celestiais vinculadas ao misticismo da Mercavah.¹

A primeira parte deste artigo tenta entender o contexto do nascimento do pentecostalismo e os movimentos que o precederam, uma vez que é fundamental verificar as mudanças

¹ TERRA, Kenner C. Êxtase, Pentecoste e Unidade: desafios à luz das origens. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos em Unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. p. 178.

sociais que ocorriam nos Estados Unidos, considerado por Max Weber em seu livro a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* como um dos modelos de um tipo de protestantismo ascético é agora berço de um movimento pneumático.

O segundo tópico trata das diferenças entre o pentecostalismo e as demais vertentes do Protestantismo Histórico. Aqui visa-se mostrar que algumas diferenças como a glossolalia, curas divinas, mensagem simples e a grande possibilidade de participação de leigos foram fundamentais para o vertiginoso crescimento pentecostal. Já o último tópico mostra o surgimento do movimento pentecostal nos Estados Unidos, Suécia e Brasil. Este tópico observa as primeiras igrejas pentecostais instaladas no país, e como o pentecostalismo influenciou as igrejas históricas e suas transformações e contradições internas.

1. CONTEXTUALIZANDO O MOVIMENTOS PENTECOSTAL

O Pentecostalismo é um movimento dentre os vários desdobramentos mais recentes da Reforma Protestante promovida pelo monge agostiniano alemão, Martinho Lutero, nos idos do século XVI. Apesar de algumas características que diferenciam o Pentecostalismo dos demais ramos históricos do Protestantismo, este não deve ser encarado como um movimento exótico dentro da Reforma, mas como um dos muitos movimentos de renovação e busca pelo aprofundamento espiritual que perpassam a história da religião. Essa busca pelo transcendente remonta à gênese cristã, uma vez que a manifestação de experiências de êxtase pode ser encontrada desde os primórdios dos atos dos apóstolos no Novo Testamento.

Segundo Robert Menzies:

É exatamente aqui, em Atos, que encontramos a mensagem central e distintiva do movimento pentecostal. Desde os primeiros dias do atual avivamento pentecostal, os pentecostais têm proclamado que todos os cristãos podem e devem experimentar o batismo no Espírito Santo 'distinto e posterior à experiência do novo nascimento'. Esse entendimento do batismo no Espírito Santo surge da convicção de que o Espírito veio sobre os discípulos no dia de Pentecostes (At 2), não como fonte de existência da nova aliança, mas como fonte de poder para o testemunho eficaz. Esse entendimento do batismo no Espírito Santo tem dado ao atual movimento pentecostal a sua identidade, a sua experiência unificadora e o seu enfoque missiológico.²

Ainda na contextualização do movimento, dentro de um espectro ainda maior que é o Protestantismo, é possível tentar fazer o mapeamento das influências que culminaram no surgimento do Pentecostalismo. Pode-se observar desde os Irmãos Morávios na região da Boêmia – atual República Checa – o Pietismo dentro da Confissão Luterana na Alemanha, passando pelo Metodismo inglês de John Wesley que, nos Estados Unidos de meados do século

² MENZIES, Robert. *Essa História é Nossa História*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p. 28-29.

XIX dão origem a vários movimentos de reavivamento. Sobre essas similaridades David Martin diz que:

Há centenas de descrições de encontros metodistas que soam como as descrições de trabalhos pentecostais hoje. Joseph Barker, ao descrever um revival em Sheffield em torno de 1835, refere-se à excitação selvagem, aos gritos, às canções dissonantes, aos “gritos de glória” e às pessoas que caíam no chão ou saltavam sobre as formas. Tais serviços duravam horas, assim como os seus sucessores pentecostais. E geraram reações semelhantes de hostilidade e violência ocasional.³

Dentre esses desdobramentos um que ganha destaque é o movimento de santidade, “Holiness.”⁴ Esse movimento advogava a possibilidade de purificação da natureza carnal e pecaminosa através da oração, busca pela santidade e poder do Espírito Santo. O Movimento “Holiness” valorizava a experiência pessoal, percebida como algo a ser buscado por todo o nascido de novo. Havia mais do que um incentivo, uma instrução à santificação e busca fervorosa, a fim de que o todo crente em Jesus tivesse uma experiência mais íntima com Deus.

É importante ressaltar que o Pentecostalismo é uma consequência direta dos movimentos acima citados, no entanto, não se deve deixar de evidenciar que o Pentecostalismo e sua expansão pelo mundo são, também, fruto do seu tempo, uma vez que devem ser encarados como uma resposta ao racionalismo Moderno que, em seus desdobramentos no protestantismo histórico, principalmente entre os calvinistas, privilegiou a racionalização da fé, onde a forma aceitável de vivenciar a religiosidade seria através do exame das Escrituras em detrimento da transcendentalidade. Esse modelo de religião pode ser contado entre os inúmeros fatores que contribuíram para o desenvolvimento do processo de secularização, principalmente nas sociedades ocidentais.

Sobre a configuração de uma religião condizente à era Moderna, momento de “desencantamento do mundo”, isto é a substituição da interpretação mágica da realidade pela interpretação racional defendida por Weber diz:

[...] essa religião deve, na medida do possível, ter desistido do caráter puramente mágico ou sacramental dos meios da graça, que sempre desvalorizam a ação neste mundo como sendo, na melhor das hipóteses, apenas relativa, em sua significação religiosa, e condicionar a decisão da salvação sobre o êxito de processos que não são de uma natureza cotidiana racional [...] Quando os virtuosos religiosos combinaram-se numa seita ascética ativa, dois objetivos foram totalmente alcançados: o desencantamento do mundo e o caminho da salvação através da fuga do mundo. O

³ MARTIN, David. *Tongues of fire: tongues of fire the explosion of Protestantism in Latin America*. Oxford: Blackwell, 1990. p. 28.

⁴ SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2011. p. 52

caminho é desviado da “fuga contemplativa do mundo”, dirigindo-se ao invés disso para um ‘trabalho neste mundo’, ativo e ascético.⁵

Dentro da cosmovisão moderna a religião passaria a ter um papel secundário no desenvolvimento das relações humanas, restrita ao foro íntimo, dando lugar ao desenvolvimento da razão e do senso crítico. A Reforma Protestante é considerada o momento de passagem da religião da Idade Média para a Modernidade.

A Modernidade [...] nos ensina que o mundo contemporâneo é desencantado. Por ela vivemos numa época em que a sociedade se descartou em grande parte da religião e a religião, da magia. No Ocidente, de que trata o texto, a Reforma foi o primeiro grande movimento de desencantamento do Cristianismo, adequando-o para os tempos da Modernidade.⁶

A “ética racional da ascese protestante”⁷, na análise weberiana, se moldaria a este novo tempo, à medida que esse movimento se adequaria melhor ao pensamento moderno, quanto à “eliminação da intermediação mágica ou sacramental na relação entre Deus e os indivíduos para o protestante.”⁸ A diminuição da religião como legitimadora da realidade, em última instância ajudaria a aprofundar o processo de Secularização. Esse processo seria a diminuição ou o abandono da estruturação de uma sociedade baseada nos tradicionais conceitos religiosos. Sobre esse aspecto interessante Berger diz:

A secularização colocou uma situação inteiramente nova para o homem moderno. Provavelmente pela primeira vez na história, as legitimações religiosas do mundo perderam a plausibilidade não apenas para uns poucos intelectuais e outros indivíduos marginais, mas para amplas massas das sociedades inteiras. Isso ocasionou uma crise aguda não apenas para nominação das grandes instituições sociais, mas também para a das bibliografias individuais.⁹

Em contraponto à análise weberiana da religião na Modernidade, há o desenvolvimento de uma vertente religiosa dentro do Protestantismo que valoriza uma interpretação da realidade através de um olhar que considere a experiência com o transcendente, sem que com isso haja uma anulação da utilização da razão e da racionalidade. A esse respeito Carvalho diz:

O modo de ser pentecostal, isto é, o seu ethos, coincide com a forma pós-moderna de pensar a realidade. Isso não significa, porém, que somos irracionais ou coisa parecida, mas que operamos com uma racionalidade diferente da pretensiosa razão

⁵ WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982a. p. 334.

⁶ SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Luís Carlos (Orgs.). *Religião e Globalização*. A religião do planeta global. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 63.

⁷ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 14. ed. São Paulo: Pioneira, 1999. p. 12.

⁸ SOUZA, Jessé (Org.). *O malandro protestante: a tese Weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. p. 26-27.

⁹ BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, vol. 21, nº. 1, 2001, p. 09.

cartesiana, instrumental e suficiente, ciosa de que pode exaurir o mistério, desvendar todas as coisas e ter todas as respostas.¹⁰

Conforme Carvalho, o Pentecostalismo não advoga a exclusão automática da razão como parte fundamental da prestação culto à Deus e expressão de fé. A experiência do êxtase religioso não contrapõe-se à razão de uma forma dualista e excludente, ao contrário, atua como amplificadora da percepção racional, como nas palavras de Tillich “um estado mental em que a razão está além de si mesma, isto é além da estrutura sujeito-objeto. Ao estar além de si mesma a razão não nega a si mesma.”¹¹ O Pentecostalismo traz ao debate contemporâneo a ideia de que o oculto não mais está relegado à obscuras publicações em empoeiradas prateleiras de livrarias.¹² Sendo assim, o busca pelo retorno à religião não deve ser encarada como o combate à Modernidade, mas como um desdobramento dela. Sobre isso Prandi diz que:

O sucesso da religião e a crise da sociedade são, assim, faces da mesma moeda, cuja medida é a própria crise de razão. Essas religiões que trabalham o mundo buscando seu reencantamento esbarram, contudo, no fato de que a sociedade, por mais frágil que se encontre, já incorporou, por assim dizer, os elementos fundamentais da modernidade, de tal modo que é impossível pensá-la desprovida de todo aparelhamento científico e racional que a sustenta.¹³

O fato é que as transformações pelas quais o mundo passou no último século, desde as Grandes Guerras Mundiais, o fim do Neocolonialismo europeu, os processos migratórios e as frequentes crises do Capitalismo trouxeram incertezas ao imaginário humano, principalmente o ocidental, que puseram em cheque o paradigma moderno no que se refere a que a ciência, a razão e a observação seriam suficientes para dar à humanidade todas as respostas aos seus anseios. O futuro parece ser bem mais imprevisível do que poderiam supor os que advogavam o pensamento moderno e isso explica, em parte o fortalecimento da religião em todo o mundo, mesmo em áreas em que o processo de secularização estavam mais enraizados. Sobre o processo de dessecularização Berger afirma que:

Não há razão para pensar que o mundo do século XXI será menos religioso do que o mundo atual. Uma minoria de sociólogos da religião tem tentado salvar a velha teoria da secularização pelo que eu chamaria de tese de última trincheira: a moderniza-

¹⁰ CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e Pós-Modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 65.

¹¹ TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 124.

¹² LEWIS, Ioan. *Êxtase Religioso*. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 19.

¹³ PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 293.

ção seculariza sim, e movimentos como islâmico e o evangélico representam a última trincheira de defesa da religião.¹⁴

Essa visão panorâmica da mudança de paradigma da Modernidade para a Pós Modernidade servirão como pano de fundo para entender o surgimento do Pentecostalismo nos Estados Unidos e, posteriormente no Brasil, bem como os motivos que possibilitaram seu crescimento vertiginoso aqui no Brasil. O entendimento da época em que os eventos acontecem é fundamental para a compreensão do evento em si e, também, dos seus desdobramentos, à medida que o Pentecostalismo é uma resposta religiosa à secularização e ao paradigma da Modernidade que acabaram por abandonar a transcendentalidade inerente à religiosidade, acabando por se afastar de uma parcela importante da população que veem na religião uma resposta aos seus anseios e uma possibilidade de utilizá-la como um refúgio onde se encontra paz em meio às demandas tão conturbadas desses tempos. Aqui a religião vai além do foro privado influenciando todas as áreas da vida do fiel.

2. CARACTERÍSTICAS DO PENTECOSTALISMO

O Protestantismo Histórico, como fruto de seu próprio tempo, deve ser enxergado como um movimento Moderno e, como tal, de rompimento com a Idade Média e sua cosmovisão mágica da realidade. Portanto, é compreensível que as igrejas protestantes originadas nesse período tenham focado no conceito de racionalização para a interpretação da realidade e escolhido o enfoque exclusivo da fé pelo exame das escrituras, encarando com desconfiança os fenômenos pneumáticos, tratando-os, quando muito, como eventos necessários para a expansão do evangelho no primeiro século, mas que cessaram naquele tempo, pelo que são denominados como Cessacionistas.

O Pentecostalismo, no entanto, encara a atuação do Espírito Santo e eventos pneumáticos como ações divinas que perpassam toda a história, desde a descida do Espírito Santo em Atos 2, até os dias atuais. Todo o imaginário pentecostal é construído sobre a premissa da manifestação contemporânea do Espírito. Essa forma de enxergar o evangelho e suas manifestações sobrenaturais têm no Batismo no Espírito Santo e na Glossolalia um marco fundante, uma vez que na interpretação pentecostal, o falar em línguas era uma prática comum e presente na vida de todo o cristão neotestamentário¹⁵ e que deve ser buscada por todos os cristãos em todos os tempos, não se restringindo apenas ao período apostólico. Para Jonas Machado:

¹⁴ BERGER, 2001, p. 108.

¹⁵ HORTON, Stanley Montreal. *Systematic theology, pentecostal perspective*. MO: Logion Press, 1994. p. 451.

Este conceito cessacionista vem sendo quebrado com o advento do pentecostalismo, que possui uma hermenêutica baseada principalmente nas experiências extáticas e na atualidade dos “dons espirituais” prescritos na bíblia. O mesmo autor, ao falar sobre as experiências extáticas relata que: Tais fenômenos devem ser levados a sério no sentido que não podem ser considerados apenas como superstições ou invenções literárias. Mesmo que esses elementos naturalmente sejam típicos desse âmbito, nada disso existiria se eventos reais de natureza psicológica não estivessem por trás deles.¹⁶

Fazendo uma definição etimológica da palavra Glossolalia em seu Dicionário do Movimento Pentecostal o teólogo Isael Araújo diz que:

A glossolalia pode ser considerada uma linguagem porque é realizada com os órgãos vocais e tem finalidade de comunicar um conteúdo interior. É como a expressão mais íntima do próprio eu, embora seja uma linguagem pré-racional ou pré-conceitual. O glossólalo tem clara consciência de que está se comunicando com Deus. Estas línguas podem também ser chamadas de xenolalia (ou xenoglossolalia) em que o indivíduo aprende a falar milagrosamente um idioma de outro país ou cultura com o propósito de evangelizar. Era frequentemente praticado entre os irmãos morávios por ocasião de seu fervor missionário em outros países. A mais usual entre os pentecostais, é a glossolalia já definida acima, em que o indivíduo fala uma língua também desconhecida, porém, geralmente sem qualquer vinculação com um idioma de outro país ou cultura e que se destina ao que se chama de ‘edificação pessoal’, ou seja, serve apenas para o próprio indivíduo se identificar como tendo recebido o batismo no Espírito Santo e através disto receber ‘poder’. Outros termos empregados para semelhanças deste fenômeno são: *akolalia* (compreender um idioma desconhecido); *echolalia* (repetição inquietante das palavras ditas por outra pessoa); *ermenoglossia* (interpretação de línguas).¹⁷

A crença na contemporaneidade do derramamento de poder, tal qual aconteceu no período apostólico descrito em Atos 2 e o revestimento do divino¹⁸ com o subsequente falar em outras línguas, que funciona como uma espécie de rito de passagem diferencia o cristão pentecostal dos demais. Sobre isso Ricci diz:

Muitos fiéis acreditam que o dom de línguas seja uma porta de entrada para a aquisição de outros dons espirituais, como os dons de curar, de profecia, de revelação, de sonhos, de visões, da palavra, do discernimento. Essa posição também é compartilhada entre os fiéis da Renovação Carismática Católica. A partir do momento que se é batizado com o Espírito Santo e fala-se em línguas, cada fiel, potencialmente, passaria a ter os condicionantes religiosos e míticos para o despertar de outros dons, ainda que eles estejam inoperantes na vida dos crentes. Caberia ao fiel criar mecanismos para o despertar desses outros carismas, por meio da oração, do jejum, da participação nas vigílias, da oração nas matas e nos montes, das participações das atividades da igreja e da submissão às normas institucionais, esses são os meios mais comuns de se alcançar os dons.¹⁹

O fenômeno do falar em línguas é tão valorizado que é o que diferencia um Pentecostal dito clássico daqueles pentecostais de outras ondas do movimento, algo que será explicado

¹⁶ Cf. GUNKEL, Hermann. *Apud* MACHADO, Jonas. *O Misticismo Apocalíptico do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 60.

¹⁷ ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 331-332.

¹⁸ LEWIS, 1977. p. 161.

¹⁹ Cf. RICCI, Maurício. Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo. *Cadernos de campo*, São Paulo. n. 16, p. 55-74, p. 58, 2007.

mais adiante. O entendimento geral é que o fenômeno do falar em línguas serve para a busca da edificação pessoal e com o propósito de receber poder de Deus.²⁰ A glossolalia é vista para além da compreensão e “capacita os adoradores a se unirem com o sagrado transcendental”.²¹ O Batismo no Espírito Santo não é encarado como um fim em si mesmo, mas um catalisador que para um renovo espiritual contínuo que deve ser buscada a cada culto, estimulando um estilo de vida ligado a santidade e a oração.²²

Diferentemente de algumas correntes do Protestantismo Histórico na Europa ou mesmo do Catolicismo no Brasil em que a adesão costuma-se dar pelo nascimento, em decorrência da tradição religiosa familiar, os pesquisadores classificam o Pentecostalismo como uma religião de conversão,²³ em que os adeptos passam a fazer parte da igreja através do processo de conversão, dada de maneira livre e consciente, independente da filiação religiosa anterior sua ou de sua família, ingressando em uma das igrejas que fazem parte do movimento. A partir deste momento o fiel pentecostal entende-se como membro daquela agremiação religiosa, “distinto do mundo profano”²⁴ e próximo a Deus. O dualismo entre Igreja e Mundo é muito frequente nas pregações pentecostais e os fiéis são constantemente exortados à santificação, a fim de se afastarem do mundo.

Diferente dos protestantes históricos, mais influenciados pelo processo de secularização, o pentecostalismo assumiu as curas divinas como algo que deveria fazer parte de sua pregação e seus cultos. Campanhas de cultos com a temática de cura são comuns entre os pentecostais. Eles interpretaram os textos da 1ª Carta de Paulo aos Coríntios, capítulos de 12 a 14, como uma capacitação para a igreja em todos os tempos. Os cultos de cura foram responsáveis por atrair milhares e milhares de pessoas.²⁵

O Pentecostalismo traz consigo uma ideia de aproximação ou mesmo intimidade com Deus. À medida que há a eliminação de intermediários como santos ou sacerdotes, o que possibilita o acesso do fiel diretamente a Deus o pentecostal aprofundou o sentido de relacionamento com o divino. Advinda do conceito Luterano de Sacerdócio Universal, herdada da Reforma Protestante, só que ainda mais aprofundada e expan-

²⁰ ARAÚJO, 2007, p. 331-332.

²¹ POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na Teologia Pentecostal: acertos, riscos e possibilidades. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. v. 24, p. 117-133, p. 122, 2011.

²² Cf. ORO, A. P. O Espírito Santo e o Pentecostalismo. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 25, n. 107, p. 87-101, p. 90, 1995.

²³ MAFRA, Clara. Relatos compartilhados: experiências de conversão ao pentecostalismo entre Brasileiros e Portugueses. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, abr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100003>. Acesso em: 25 ago. 2018.

²⁴ PASSOS, Décio João. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 38.

²⁵ BOBSIN, Oneide. Etiologia das doenças e pluralismo religioso. *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 2, p. 21-43, p. 35, 2003.

dida, à medida que através do batismo no Espírito Santo o fiel pentecostal se vê credenciado a receber revelações diretas de Deus, o que o coloca em pé de igualdade aos crentes do Novo Testamento, ou mesmo aos profetas de Israel, sendo cada crente um potencial oráculo dos mistérios divinos. Essa visão é estimulada e as pessoas que são reconhecidas na comunidade como profetas gozam de um grau de credibilidade extra. Alguém que se levanta no meio da congregação e diz ter recebido uma mensagem de Deus recebe logo atenção e a igreja fica atenta para receber a mensagem do céu. Sobre isso Bobsin comenta que:

No Pentecostalismo, o distanciamento entre homem e Deus deixa de existir, bem como a necessidade de intermediários. Não há mediação institucional nem santorial entre o fiel e a divindade. Os santos tão úteis do catolicismo se personalizam – “santos somos nós” – ou são transformados em ídolos e, como tais, são rejeitados, porque a adoração aos ídolos faz com que Deus se afaste do crente. Portanto, o pentecostalismo se caracteriza como um fenômeno religioso que inaugura uma forma direta de relação do homem com Deus. O acesso a fonte de “verdade”, o Espírito Santo”, está aberto para todos.²⁶

Outro fator que diferencia é a possibilidade de todo fiel desempenhar algum ministério na igreja. Não se espera que apenas um clérigo estabelecido na hierarquia da organização e com formação acadêmica lidere os serviços no culto, ao contrário, como participante da comunidade todo tem sua importância reconhecida²⁷ ao receber o poder de Deus e sente-se comissionado a trabalhar para a expansão do Reino e para a glória de Deus. Isso inclui as pessoas mais humildes sem muita instrução acadêmica, fazendo do Pentecostalismo um meio de inclusão e inserção social. Esse modelo gera um sentido de pertencimento e valor que estimula o engajamento dos fiéis. Sobre esse quesito Majewski acredita que:

Dessa forma, todos têm o seu valor. O trabalho dignifica e poder oferecer algo para Deus é uma motivação tão forte na vida do crente que ele dedica boa parte dos seus esforços naquilo que seus líderes entendem como importante para o Reino. A dignidade de cada membro, por mais humilde, ignorante ou pobre que seja, não é negligenciada. Trata-se de uma alma resgatada do pecado por um alto preço, o sangue do filho de Deus. Em sendo assim, cada pessoa possui valor imensurável, e pode colocar seus talentos a serviço da igreja.²⁸

Além da possibilidade de rápida inserção, o Pentecostalismo é caracterizados por utilizar uma linguagem simples e de fácil entendimento, mesmo às pessoas de baixa

²⁶ BOBSIN, Oneide. *Produção religiosa e significado social do Pentecostalismo a partir de sua prática e representação*. 1984. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 1984. p. 105.

²⁷ PEDDE, Valdir. O poder do pentecostalismo A experiência do Espírito Santo. *Estudos Teológicos*, v. 37, n. 3, p. 243-260, p. 252, 1997.

²⁸ MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. *Assembleia de Deus e Teologia Pública: o discurso pentecostal no espaço público*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010. p. 42.

escolaridade e que estavam socialmente marginalizadas.²⁹ A conjugação do sentimento de pertencimento ao ser inserido na comunidade e uma linguagem de fácil compreensão atraiu multidões ao movimento, sendo esse binômio fatores que potencializaram a rápida disseminação e crescimento do movimento.

3. O SURGIMENTO DO PENTECOSTALISMO

Conforme citado na introdução deste artigo os Estados Unidos do final do século XIX e início do século vinte foram campos férteis para a propagação de movimentos de avivamento espiritual. Dentre esses eventos ganha lugar de destaque a fundação do Instituto Bíblico “Bethel College”, na cidade de Topeka, Kansas pelo Pastor Charles Fox Parham em 1900. Parham era pastor Metodista e influenciado pelos movimentos de avivamento e em sua crença pessoal sobre a cura divina pela fé abriu o instituto, a fim de preparar obreiros entre os leigos.

Sobre isso Kenner Terra diz:

Os alunos começaram a estudar sobre o batismo no Espírito Santo e a orar, sendo influenciados com a chegada de Agnes Ozmann, a qual com mais alguns alunos teria ficado orando uma noite inteira para receber uma ‘experiência sobrenatural’ de falar em línguas, o que aconteceu quando Parham impôs as mãos sobre a cabeça deles. Isto aconteceu no dia 1º de janeiro de 1901.³⁰

Esse evento é considerado o nascimento do Pentecostalismo, sendo este o primeiro registro na história mais recente do Cristianismo em que pessoas foram Batizadas no Espírito Santo e falando em outras línguas. A duração do Bethel College não foi longa, tendo fechado pouco depois, no entanto, o movimento se alastrou como rastilho de pólvora, uma vez que dentre os participantes dos fenômenos que ocorreram no seminário e que passaram pela experiência do batismo no Espírito Santo estava o leigo negro, filho de pais escravizados, William Josef Seymour. Mesmo havendo segregação racial no Kansas e em quase todos os estados americanos à época, isso não foi empecilho para que Seymour frequentasse o instituto, mesmo que tivesse que se sentar em uma cadeira mais afastada dos demais alunos. Após o ocorrido, Seymour, por indicação de um membro da igreja que teve contato com os ensinamentos de Parham³¹, foi convidado para ser pastor auxiliar na igreja do Nazareno em Los Angeles. A pregação pentecostal trazida por Seymour à Igreja em Los Angeles não foi

²⁹ MARTINS, Ailton. *Alteridade e Austeridade no Movimento Pentecostal*. Azusa – Revista de Estudos Pentecostais. 2015, p. 55

³⁰ TERRA, 2015, p. 178.

³¹ TERRA, 2015, p. 178.

bem recebida, tendo ele em seguida sido proibido de frequentar os cultos naquela comunidade. Isso o obrigou a buscar um novo lugar para que professasse sua fé livremente. Após pregar por três ocasiões em casas de amigos e com o aumento do público em cada culto, Seymour se viu obrigado a alugar um salão na “Rua Azusa que passou a se chamar ‘Missão Evangélica da Fé Apostólica’. Tornou-se a ‘Meca Pentecostal.’”³² Nisso se nota a importância de Seymour para o movimento, uma vez que seu trabalho na rua Azusa catapultou o pentecostalismo de movimento de avivamento religioso nos Estados Unidos para um movimento de avivamento e missiológico de abrangência global.

No início do século XX os Estados Unidos já eram a maior potência industrial do mundo e uma terra que atraía milhões de imigrantes de todos os países, principalmente da Europa. Aliado a isso tinha a efervescência que a expansão para o oeste trazia, sendo Los Angeles cidade importantíssima para todo esse movimento econômico e migratório. Então estavam dadas as bases para a expansão do Pentecostalismo por todo o mundo.

Quanto mais o movimento crescia mais pessoas de outras igrejas já estabelecidas ou movimentos independentes iam aderindo, sem que houvesse uma fundamentação teológica clara que o embasasse. Foi então que alguns de seus participantes vislumbravam a necessidade de dar credibilidade através da institucionalização, a fim de haver coesão e unidade de esforços para o preparo e o conseqüente envio de obreiros, uma vez que desde o princípio o pentecostalismo teve caráter expansionista através envio de missionários. Sobre isso Curtis diz:

No Sul dos Estados Unidos, um grupo de fiéis pentecostais - denominado Fé Apostólica - liderados por Eudorus Neander Bell, tentou unificar o movimento pentecostal, chamando-o de Igreja de Deus em Cristo. Este grupo tinha cerca de 352 ministros filiados em 1913. Já no ano seguinte (1914) em abril, este grupo convocou todos os pentecostais para uma reunião em Hot Springs, no Arkansas. O propósito era: união, estabilidade, credibilidade do movimento e criação de um programa de missões e de institutos bíblicos. Foi assim que nasceu a denominação chamada Assembleia de Deus.³³

Outro país importante para ser avaliado quando se trata do Pentecostalismo e sua influência é a Suécia. O movimento na escandinávia começou por volta de 1906 quando norueguês-inglês Thomas B Barret viajou até o Estados Unidos, onde teve contato com o Pentecostalismo. Em 1906 Andrew G. Johnson, que estava no Estados Unidos participou de uma das reuniões na Rua Azusa e recebeu a mensagem Pentecostal, levando-a para sua terra

³² CURTIS, A. Kenneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randy. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo*. São Paulo: Vida, 2003. p. 205.

³³ CURTIS, 2003, p. 205.

natal.³⁴ Johnson começou a pregação da mensagem pentecostal na Suécia onde reencontrou o pastor Batista John Ongman, e o pastor Methodist T. B. Barratt que também haviam recebido o Pentecostalismo entre os norte-americanos. Em 1910, com o crescimento do movimento pentecostal na Suécia, Johnson e Ongman fundaram a primeira igreja Evangélica Pentecostal daquele país, a Filadélfia em Estocolmo.³⁵ Inicialmente a igreja ficou sob a liderança do pastor E.W Olsson até 1912 quando será substituído pelo pastor Lewi Pethrus, sendo Pethrus considerado o maior líder pentecostal da Suécia.

O caso do pentecostalismo sueco é digno de nota, haja vista que a Igreja Filadélfia se destacará no envio de missionário e ajuda financeira para a implantação das Assembleias de Deus no Brasil, sendo a missionária Frida Vingren, esposa de um dos fundadores das Assembleias de Deus no Brasil, membro desta igreja.

Antes de adentrar à chegada do Pentecostalismo no Brasil é importante mostrar que diferente dos Estados Unidos ou da Suécia, países majoritariamente protestantes, o Brasil, devido à sua colonização portuguesa tinha o catolicismo como religião predominante. Mesmo a primeira constituição do império, datada de 1824 já estipular a separação entre Igreja e Estado, tendo isso se aprofundado após a proclamação de República que trouxe um viés moderno e positivista, o processo de secularização no Brasil e o rompimento da hegemonia do catolicismo aconteceu de uma forma mais lenta, conforme descrevem Rodrigues e Souza Jr:

[...] o processo de secularização do Estado brasileiro não se deu de forma imediata, logo após o fim do padroado, uma vez que a Igreja Católica passou um longo período ainda imiscuída dentro da política e da vida cultural do país, ou através da aliança com os poderes constituídos- quem não se lembra da estreita relação de Vargas com o Cardeal de Leme?- ou através dos colégios religiosos, que formaram gerações das elites dirigentes do país. Fato é que o processo de secularização das instituições brasileiras se deu aos ‘trancos e barrancos’ com infindáveis nuances e retrocessos [...].³⁶

Mesmo sendo um processo mais lento do que o observado na Europa ou no Estados Unidos estavam dadas as bases para a diminuição da hegemonia católica, “com a abolição de toda e qualquer reserva de mercado religioso”³⁷ e a “paulatina desregulação jurídico-estatal da vida religiosa”³⁸ o que possibilitou a instalação de novos movimentos religiosos no país.

Ainda sobre o movimento de avivamento nos Estados Unidos, em uma das prédicas de

³⁴ ARONSON, Torbjorn. Continuity in charisma: Swedish Mission and the growth of neo-Pentecostal churches in Russia. *Occasional Papers on Religion in Eastern Europe, Rosemont- Illinois*, v. 31, n. 1, p. 3, 2012.

³⁵ ARONSON, 2012, P.3.

³⁶ RODRIGUES, D. dos S.; SOUZA JUNIOR, P. G. dos. A estreita relação entre o movimento migratório e pentecostalismo em dois estados do sudeste brasileiro. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 113-133 jul./dez.2008. p. 117.

³⁷ CITELI, M. T.; ROSADO, M. J. Conversa com Antônio Flávio Pierucci. *Rever*, São Paulo, ano 13, n. 2, jul./dez. 2013. p. 14.

³⁸ CITELI; ROSADO, 2013, p. 14.

Seymour na rua Azusa o pastor batista de Chicago, William H. Durham recebeu o Batismo no Espírito Santo e falou em línguas. Após esse acontecimento Durham voltou para sua cidade e levou consigo a mensagem pentecostal.³⁹ Esse evento é de suma importância para a disseminação do Pentecostalismo no Brasil, pois foi em Chicago que Lois Francescon, fundador da Congregação Cristã no Brasil, e Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores das Assembleias de Deus receberam a mensagem pentecostal.

Em 1910, chegam os primeiros missionários pentecostais, a saber: Luis Francescon, imigrante italiano nos Estados Unidos da América, vem ao Brasil como missionário e inicia os trabalhos da Congregação Cristã no Brasil, especificamente na cidade de São Paulo.⁴⁰ Francescon, radicado em Chicago, sai em viagem missionária e chega em 1910 a Buenos Aires, Argentina, onde forma a Assembleia Cristã Argentina, primeira igreja pentecostal daquele país. Em seguida vai para a cidade de São Paulo, onde entre um grupo de metodistas, presbiterianos e Batistas forma a Congregação Cristã no Brasil, sendo esta a primeira igreja pentecostal devidamente estabelecida em solo brasileiro. Dentre as coisas que diferem essa igreja das demais está o uso do véu pelas mulheres e sua soteriologia de orientação calvinista.

A chegada dos missionários Suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, também radicados nos Estados Unidos em 1910 vai marcar o início daquela que se tornaria a maior igreja pentecostal do Brasil, as Assembleias de Deus. Sobre isso Joanyr Oliveira diz:

Dois missionários batistas de origem sueca de nome Daniel Berg e Gunnar Vingren, logo depois de passarem por uma experiência pentecostal, sob a influência de Durham, numa convenção de igrejas batistas reavivadas na cidade de Chicago em 1910, receberam em mensagem profética o nome 'Pará'. Após consultarem uma biblioteca, verificaram que se tratava de um estado do Brasil. Sem apoio financeiro, tomaram um navio em Nova York em 5 de novembro de 1910 e aqui chegaram em 19 de novembro. Uniram-se a uma igreja batista de origem sueca, onde, após haverem aprendido o português, passaram a pregar sobre o pentecostes. Em 8 de junho de 1911, Celina Albuquerque, membro da igreja, recebe o pentecostes, em seguida com mais dezenove irmãos, são expulsos da igreja batista, vindo a fundar em 18 de junho de 1911 a Missão de Fé Apostólica que em 1918 passa a se chamar Assembleia de Deus.⁴¹

Algo a ser considerado para o bom entendimento dos motivos que levaram ao crescimento expressivo das Assembleias de Deus desde seu início é que a região amazônica brasileira passava por um boom demográfico e econômico, motivado pela extração do látex para a fabricação da borracha, o que ficou conhecido como "Ciclo da Borracha."⁴² Isso serviu

³⁹ WULFHORST, Ingo. O pentecostalismo no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, n. 1, v. 35, 2013, p. 7-20.

⁴⁰ MONTEIRO, Yara Nogueira. Congregação Cristã no Brasil. *Estudos de Religião*, v. 24, n. 39, jul./dez. 2011.

⁴¹ OLIVEIRA, Joanyr de. *As Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997. p. 37.

⁴² POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalidade e Pentecostalismo: fatores de crescimento associados a oralidade. *Azusa - Revista de Estudos Pentecostais*, v. II, Joinville, p. 07-38, p. 17, 20

para atrair milhares de migrantes, principalmente do Nordeste brasileiro, que buscavam por melhores condições. Esses imigrantes foram expostos ao movimento pentecostal em Belém e quando o ciclo da borracha entrou em declínio eles voltaram para os seus estados de origem levando consigo a pregação pentecostal.

Outro fator que deve ser levado em consideração para entender o crescimento das igrejas pentecostais no Brasil foi a simplicidade do discurso pentecostal. Enquanto as igrejas históricas investiam na formação intelectual de seus pastores e usavam discursos mais sofisticados, a mensagem pentecostal falava diretamente ao cidadão do campo ou aos pobres das periferias das grandes cidades que, além de não terem formação acadêmica ainda estavam perdendo seus vínculos e eram marginalizados. O fácil entendimento da mensagem pentecostal que era passada não só na prédica, mas através das músicas entoadas nos cultos além de alegrar os cultos transmitam as doutrinas de uma forma efetiva. Sobre isso Claire Banche-Benveniste diz:

O pentecostalismo atingiu as massas brasileiras, pois conseguiu falar a mesma linguagem delas. A simplicidade e força com que opera a retórica pentecostal, facilita sua compreensão e recepção por parte de pessoas, em sua maioria, destituídas de melhores condições de articular pensamentos mais complexos e compreender discursos muito elaborados, como em igrejas históricas tradicionais. O discurso pentecostal sempre é mediado por palavras e símbolos, embora seja fundamentalista e redundante. A oralidade pentecostal explora recursos retóricos, para causar fixação da atenção do ouvinte e assim conseguir com que apreenda o conteúdo do que está sendo dito; a modulação da voz, as mudanças de tonalidade, as músicas e as danças.⁴³

O Pentecostalismo não ficou restrito às novas igrejas que surgiram já após o avivamento da rua Azusa, mas englobou movimentos de renovação dentro das igrejas Protestantes históricas e criou, também, novas igrejas ou a Pentecostalização de setores das igrejas históricas. Sobre isso Ricardo Mariano diz:

A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Seus principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980).⁴⁴

⁴³ BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: Gedisa, 1998. p. 51.

⁴⁴ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 24.

A Segunda onda do Pentecostalismo pode ser vista no surgimento de igrejas como a Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é amor que traziam elementos do pentecostalismo como o batismo no Espírito Santo e o falar em línguas, mas davam uma ênfase maior às Curas Divinas devido à influência dos movimentos de cura que estavam sendo propagados nos Estados Unidos durante os anos de 1940.⁴⁵ Destacavam-se, também, pelo uso de meios de comunicação como o rádio.

Ainda neste contexto tem-se o processo de Pentecostalização das igrejas Históricas que começa a acontecer na década de 1960 com o advento das Igrejas Renovadas que são rupturas de setores das igrejas históricas que abraçaram a mensagem pentecostal. Sobre a interação entre as igrejas históricas e as pentecostais o teólogo Leonildo Silveira Campos traz algumas ponderações sobre as benesses de um Protestantismo Pentecostalizado ou de um Pentecostalismo Protestantizado, o que, em sua visão traz benefícios para ambos os campos, uma vez que serve como uma oxigenação das igrejas históricas e uma institucionalização das igrejas pentecostais. Sobre isso Campos diz:

Protestantismo pentecostalizado. Para sobreviver o protestantismo histórico irá assimilar os principais eixos teológicos e litúrgicos do pentecostalismo, selecionando de acordo com a sua tradição os traços que mais se aproximem de sua 'performance' tradicional. Neste cenário, o pentecostalismo já teria experimentado um processo de institucionalização, abrandado algumas de suas ênfases mais agressivas e abandonado características próprias de todo movimento carismático, ainda pouco burocratizado e muito contestador. A possível fusão entre ambos os polos geraria uma religiosidade nova na história do protestantismo, causaria uma reformulação ampla do campo religioso e faria surgir um protestantismo revigorado, melhor sintonizado com a cultura popular e imaginário social latino-americano. As barreiras denominacionais seriam apenas resíduos de um passado distante, expressões de identidades não mais excludentes. Esse protestantismo seria qualitativamente diferente dos anteriores, pois um salto de qualidade teria aproximado cristãos separados por um século de polémicas e incompreensões. A questão seria: o protestantismo histórico ainda tem força suficiente para impor a sua preeminência nesse processo de fusão? Pentecostalismo protestantizado. Este cenário também pressupõe um amplo processo de fusão, contudo, com predominância do pentecostalismo sobre a vertente protestante. Neste caso, as igrejas e denominações do protestantismo histórico desapareceriam do mapa religioso.⁴⁶

Chamada de Terceira onda ou Neopentecostalismo⁴⁷, tem algumas similaridades com as ondas anteriores, valorizando a experiência do Batismo no Espírito Santo e a glossolalia, no entanto, tem na Teologia da Prosperidade⁴⁸ um diferencial. Enquanto Igrejas como a Assembleia de Deus focava sua pregação na salvação da alma e numa recompensa num mundo

⁴⁵ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estudos avançados, São Paulo. *Dossiê: Religiões no Brasil*, v. 18, n. 52. 2004. p. 123.

⁴⁶ CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e Protestantismo "Histórico" no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Dossiê: Pentecostalismo no Brasil*, v. 9, n. 22, 2011. p. 527.

⁴⁷ MARIANO, 1999, p.24.

⁴⁸ MARIANO, 2004, p. 121.

por vir as igrejas neopentecostais pregavam a possibilidade do favor divino, isto é, a prosperidade financeira a ser experimentada nesta vida. Outra diferença é que nas ondas anteriores o foco do culto era a adoração a Deus, enquanto no Neopentecostalismo a possibilidade de ascensão social, cura e restauração da alma são a centralidade do culto. Sobre isso Mariano diz:

Na 'igreja neopentecostal' a compreensão da salvação é desculpa, visto que, ao contrário de adorar, fazem-se 'cruzadas' de restauração, manifestação, sucesso. E assim, se Deus vir nestas 'adorações', será para assistir à programação diária dessas igrejas e não para ser homenageado. O culto deles é farto de 'glória a Deus', mas estão descaracterizado de um modelo divino que o destaque reflete as manifestações como restauração, prodígios e demonstrações muito cansativa, que se tornam mais exibição pessoal do que em apologia a Deus.⁴⁹

O pentecostalismo experimentou um crescimento vertiginoso no Brasil a partir da segunda metade do século XX, crescimento que se mantém nas primeiras décadas do século XXI. Esse crescimento em muito pode ser explicado pelos processos de rápida urbanização e inchaço das periferias das grandes cidades, o que produziu uma grande quantidade de pessoas desamparadas que necessitavam de espaços que dessem a sociabilidades que foi perdida por esse contingente migratório, no que D'epinay classifica como refúgio das massas.⁵⁰

Em suma, há um grande processo de transformação religiosa em curso no Brasil e o pentecostalismo desponta como uma parcela importante da população brasileira.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou investigar o Pentecostalismo, usando como método referencial bibliográfico, autores e pesquisas trazendo análises e reflexões buscando a interpretação do movimento e de seus conceitos através de autores acadêmicos.

Com esse intuito objetivou-se uma linha de construção histórica que mostra o pentecostalismo como desdobramento da Reforma Protestante de 1517, mas com características próprias. Isso pode ser evidenciado na análise da Reforma, principalmente a Calvinista, que é o modelo weberiano de uma religião da Modernidade, em contraponto ao Pentecostalismo que neste artigo, embasado em referencial teórico, é apresentado como uma religião na esteira do processo do "reencantamento do mundo". Logo os eventos pneumáticos e o êxtase tão presentes no Pentecostalismo são as "características mágicas" que Weber identificava que a religião da Modernidade havia superado.

⁴⁹ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. Universidade de São Paulo: São Paulo, 1995.

⁵⁰ D'EPINAY, Christian Lalive. *O refúgio das massas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

Outro tópico importante desta pesquisa foi a verificação da origem do Pentecostalismo como fruto dos movimentos de avivamento ocorridos nos Estados Unidos e o entendimento da importância do contexto econômico e social deste país para a expansão do movimento. Os Estados Unidos no início do século XX atraíam imigrantes europeus em busca de oportunidades de emprego e estes que foram fundamentais para a chegada e estabelecimento dos pentecostais no Brasil.

Este artigo tentou analisar o movimento pentecostal em terras brasileiras, sua chegada em 1910 e o surgimento da Assembleia de Deus em Belém e da Congregação Cristã em São Paulo. Verifica-se como o ciclo da borracha em Belém serviu para atrair imigrantes nordestinos até um dos epicentros do Pentecostalismo naquela época, tendo o fim daquele ciclo contribuído para leva-lo de volta ao nordeste que o irradiaria para o resto do país.

Outro objeto de estudo deste artigo foi verificar o desenvolvimento do Pentecostalismo no Brasil, os motivos que explicam seu crescimento, seus desdobramentos classificados em três ondas diferentes, suas semelhanças e diferenças.

Conclui-se que o Pentecostalismo está inserido num período histórico caracterizado pela diminuição do racionalismo cartesiano e da dessecularização. Fica evidente, também, que o contexto brasileiro tão desigual e com profundas assimetrias sociais foi e continua sendo terreno fértil para a expansão do movimento pentecostal, haja visto que a insegurança e as crises econômicas podem influenciar a busca por uma resposta espiritual aos anseios temporais. Fica em aberto e pode servir para futuras pesquisas a influência que o Neopentecostalismo tem sobre as igrejas pentecostais das ondas anteriores.

REFERÊNCIAS

ARONSON, Torbjorn. Continuity in charismata: Swedish Mission and the growth of neo-Pentecostal churches in Russia. *Occasional Papers on Religion in Eastern Europe*, Rosemont- Illinois, v. 31, n. 1, p. 3, 2012.

ARAÚJO, Israel de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura*. Barcelona: Gedisa, 1998.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, vol. 21, nº. 1, 2001.

BOBSIN, Oneide. Etiologia das doenças e pluralismo religioso. *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 2, p. 21-43, p. 35, 2003.

_____. *Produção religiosa e significado social do Pentecostalismo a partir de sua prática e representação*. 1984. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 1984.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Dossiê: Pentecostalismo no Brasil*, v. 9, n. 22, 2011.

CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e Pós-Modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à teologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

CITELI, M. T.; ROSADO, M. J. Conversa com Antônio Flávio Pierucci. *Rever*, São Paulo, ano 13, n. 2, jul./dez. 2013.

CURTIS, A. Kenneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randy. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo*. São Paulo: Vida, 2003.

D’EPINAY, Christian Lalive. *O refúgio das massas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GUNKEL, Hermann. *Apud MACHADO, Jonas. O Misticismo Apocalíptico do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2009.

HORTON, Stanley Montreal. *Systematic theology, pentecostal perspective*. MO: Logion Press, 1994.

LEWIS, Ioan. *Êxtase Religioso*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MAFRA, Clara. Relatos compartilhados: experiências de conversão ao pentecostalismo entre Brasileiros e Portugueses. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, abr. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100003>. Acesso em: 25 ago. 2018.

MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. *Assembleia de Deus e Teologia Pública: o discurso pentecostal no espaço público*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos avançados*, São Paulo. *Dossiê: Religiões no Brasil*, v. 18, n. 52. 2004.

_____. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. Universidade de São Paulo: São Paulo, 1995.

MARTINS, Ailton. Alteridade e Austeridade no Movimento Pentecostal. *Azusa – Revista de Estudos Pentecostais*. 2015.

MARTIN, David. *Tongues of fire: tongues of fire the explosion of Protestantism in Latin America*. Oxford: Blackwell, 1990.

MENZIES, Robert. *Essa História é Nossa História*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016. p. 28-29.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Congregação Cristã no Brasil. *Estudos de Religião*, v. 24, n. 39, jul./dez. 201.

OLIVEIRA, Joanyr de. *As Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

ORO, A. P. O Espírito Santo e o Pentecostalismo. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v. 25, n. 107, p. 87-101, p. 90, 1995.

PASSOS, Décio João. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PEDDE, Valdir. O poder do pentecostalismo A experiência do Espírito Santo. *Estudos Teológicos*, v. 37, n. 3, p. 243-260, p. 252, 1997.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e escrita na Teologia Pentecostal: acertos, riscos e possibilidades. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. v. 24, p. 117-133, p. 122, 2011.

_____. Pentecostalidade e Pentecostalismo: fatores de crescimento associados a oralidade. *Azusa - Revista de Estudos Pentecostais*, v. II, Joinville, p. 07-38, p. 17, 20

RICCI, Maurício. Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo. *Cadernos de campo*, São Paulo. n. 16, p. 55-74, p. 58, 2007.

RODRIGUES, D. Dos S.; SOUZA JUNIOR, P. G. dos. A estreita relação entre o movimento migratório e pentecostalismo em dois estados do sudeste brasileiro. *Teoria e Pesquisa*, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 113-133 jul./dez.2008.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Luís Carlos. *Religião e Globalização*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SOUZA, Jessé (Org.). *O malandro protestante: a tese Weberiana e a singularidade cultural brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos do avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2011.

TERRA, Kenner C. Êxtase, Pentecoste e Unidade: desafios à luz das origens. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (Org.). *Pentecostalismos em Unidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982a.

_____. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 14. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

WULFHORST, Ingo. O pentecostalismo no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, n. 1, v. 35, 2013, p. 7-20.